



FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 20 • Número 10 • 12 de março de 2018

Custo Unitário do Trabalho cresce pelo sexto trimestre seguido no RS

Banco Mundial: produtividade é fator chave para o crescimento do Brasil

Queda na margem não compromete retomada da indústria gaúcha

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Custo Unitário do Trabalho cresce pelo sexto trimestre seguido no RS

O ano de 2017 marcou o início da recuperação da atividade econômica, tanto do Brasil como do Rio Grande do Sul. Na Indústria gaúcha, os dados dos Indicadores Industriais corroboram com esse cenário: o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) apresentou um leve crescimento de 0,4% em 2017. No entanto, um fator que afeta negativamente esse início de trajetória positiva é o persistente aumento dos custos de produção, em especial os relativos ao fator trabalho.

Na Indústria de Transformação gaúcha, o Custo Unitário do Trabalho (ULC), medido em Dólares, registrou aumento de 4,5% no quarto trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano passado. Foi a sexta alta consecutiva do indicador, revelando perda de competitividade do setor. Em direção contrária, a Indústria brasileira registrou uma queda de 2,7% no ULC, a primeira após cinco trimestres de elevação.

No RS, os dois fatores que compõem o cálculo do ULC contribuíram para a sua elevação nos três últimos meses do ano passado: os salários médios em Dólares cresceram 3,7%, enquanto a produtividade por hora trabalhada caiu 0,8%. Já no Brasil, também houve aumento de salários no período (+2,9%), mas em ritmo abaixo do verificado no RS. Contudo, a grande diferença entre o indicador nacional e o estadual se deveu ao aumento considerável da produtividade brasileira (+5,7%).

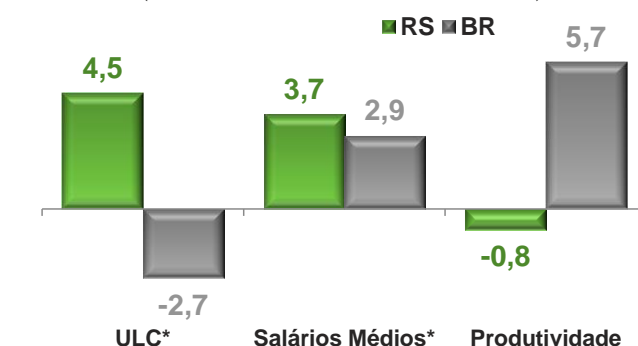
No acumulado de 2017, o ULC em Dólares

cresceu 14,5% no RS (Salários: +16,5%; Produtividade: +1,8%), um resultado pior em termos de perda de competitividade frente ao verificado no Brasil, onde houve aumento de 8,5% (Salários: +13,4%; Produtividade: +4,5%).

Portanto, segue o descompasso entre os aumentos de salários e a evolução da produtividade. Para os próximos trimestres, com a continuidade da recuperação cíclica da economia, espera-se um aumento na produção física da indústria. No entanto, se os salários continuarem crescendo em ritmo superior à produtividade, o ritmo da retomada diminuirá, tanto para a indústria exportadora, quanto para aquelas empresas que dependem dos insumos importados.

ULC, Salários e Produtividade na Indústria de Transformação – BR e RS

(Var. % do 4ºT17 frente ao 4ºT16)



Fonte: UEE/FIERGS. * Em Dólares.

Banco Mundial: produtividade é fator chave para o crescimento do Brasil

É bastante difundido que a baixa produtividade brasileira é um entrave ao crescimento sustentável do país e que a péssima qualidade da educação é um dos principais fatores por trás desse desfecho. Recentemente o Banco Mundial divulgou dois relatórios que reforçam essas ideias: “Emprego e crescimento: a Agenda da Produtividade” e “Competências e Empregos: uma Agenda para a Juventude”.

O primeiro deles, assunto do presente artigo, cita três fatores como os principais responsáveis pela baixa produtividade brasileira: (i) a falta de concorrência interna e externa; (ii) políticas públicas que distorcem os mercados de capital e trabalho, em vez de fomentar a concorrência e a inovação; e (iii) a fragmentação dos órgãos de governo dedicados ao apoio às empresas, o que possibilita que políticas continuem em vigor mesmo quando se mostram não eficazes.

No mesmo documento, a entidade também faz um alerta da necessidade de mudanças no modelo de crescimento da economia brasileira em função do envelhecimento da população. Entre 1996 e 2015, período em que a média anual de crescimento do PIB foi de 2,6%, aproximadamente 2/3 desse incremento corresponderam aos aumentos da força de trabalho e

educação, e 1/3 ao aumento do capital físico. No entanto, com o envelhecimento da população, o crescimento da força de trabalho, que era de 1,5% na década de 1980, se tornará negativo a partir de 2030.

Diante desse quadro, a alternativa será usar com mais eficiência os recursos disponíveis. Portanto, a mudança de um modelo baseado na absorção da força de trabalho para um que preze pelo aumento da produtividade e dos investimentos em máquinas e equipamentos modernos é fundamental para o crescimento de longo prazo do país.

Segundo as projeções do relatório, se aumentasse a taxa de crescimento da produtividade para o nível registrado nos anos 1960 e 1970, o Brasil poderia crescer cerca de 4,5% ao ano. Por outro lado, sem aumentar a produtividade, o País tem poucas chances de manter ganhos sociais do passado, e sua taxa de crescimento pode se limitar a apenas 1,3% em 2030.

Por fim, também foram levantadas críticas ao salário mínimo nacional por conta de seu nível elevado e sua regra de reajuste, a qual gera distorções em momentos de recessão e estimula a informalidade. A instituição sugere que a regra seja revista e passe a considerar indicadores de produtividade do trabalho.

Queda na margem não compromete retomada da indústria gaúcha

Em meio às oscilações mensais, há uma clara tendência positiva.

Depois de dois meses de alta, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que mede o nível de atividade do setor no estado, voltou a cair em janeiro de 2018: -2,0% ante o mês anterior, feito o ajuste sazonal. Na média móvel trimestral, que diminui a volatilidade do dado mensal, o índice cresceu 0,6%.

Considerando ainda as séries dessazonalizadas, a baixa do IDI/RS no primeiro mês do ano alcançou a metade de seus seis componentes – massa salarial real (-1,4%), horas trabalhadas na produção (-0,5%) e utilização da capacidade instalada–UCI (-0,4 p.p.), cujo grau médio foi de 80,5% em janeiro. O faturamento real (+1,8%) foi o principal destaque positivo no mês, que registrou ainda os crescimentos das compras industriais (+1,0%) e do emprego (+0,4%).

A queda na margem, todavia, não indica a interrupção da recuperação em curso, cenário que fica mais evidente quando os dados são comparados com o ano anterior: ante janeiro de 2017, o IDI/RS teve alta de 5,0%. Nessa métrica, mês sobre o mesmo mês do ano anterior, foi a sétima taxa positiva seguida e a maior desde outubro de 2013. A tendência ascendente também é observada na comparação de 12 meses com o período imediatamente anterior, que saiu de uma queda de 9,4% em dezembro de 2015 para uma expansão de 1% em janeiro de 2018.

Entre os indicadores de conjuntura que compõem o IDI/RS, o único que caiu em relação a janeiro do ano passado foi a massa salarial real: -3,8%. As principais influências positivas foram o faturamento real (+13,8%) e as compras industriais (10,5%). As horas trabalhadas na produção (+3,5%), a UCI (+2,0 p.p.) e o emprego (+0,7%) também avançaram, mas num ritmo menor.

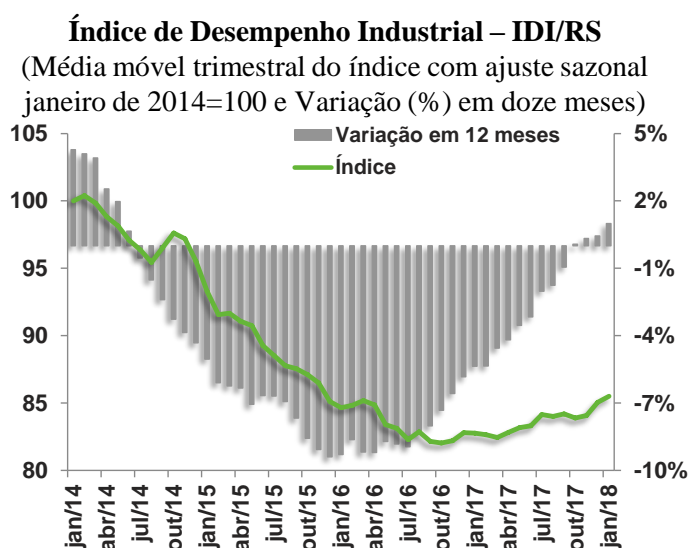
Setorialmente, o aumento anual da atividade industrial gaúcha em janeiro foi sustentado, principalmente, por dois setores: Tabaco (+47,0%) e Veículos automotores (+33,5%). Em menor medida, as indústrias de Produtos de metal (+8,1%) e de Couros e calçados (+3,8%) também fornecem contribuições importantes. No lado oposto, dois grandes segmentos industriais mostraram queda no período: Químicos e refino de petróleo (-5,5%), além de Máquinas e equipamentos (-1,6%).

Os Indicadores Industriais do RS de janeiro de 2018 mostram que o setor começa o ano marcado pela volatilidade mensal que tem caracterizado a sua trajetória desde o início do ano passado. Mas, em meio às oscilações, há uma clara tendência positiva. Os juros menores, a inflação baixa, a melhora gradativa do mercado de trabalho, os estoques ajustados e a confiança industrial estão criando condições mais favoráveis para a demanda interna, que é a base desse processo de recuperação. As exportações industriais também estão contribuindo. Esse mesmo cenário deve manter o desempenho positivo da atividade industrial gaúcha nos próximos meses e levá-la a um crescimento de 3,0% nesse ano.

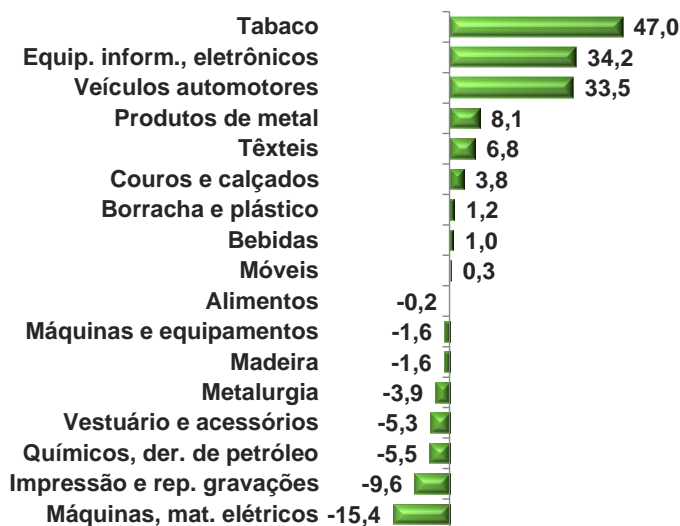
Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – janeiro de 2018)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-2,0	5,0	5,0
Faturamento real	1,8	13,8	13,8
Horas Trabalhadas na produção	-0,5	3,5	3,5
Emprego	0,4	0,7	0,7
Massa salarial real	-1,4	-3,8	-3,8
Utilização da capacidade instalada	-0,4	2,0	2,0
Compras Industriais	1,0	10,5	10,5

* Dessazonalizado



Índice de Desempenho Industrial do RS – Setores (Variação acumulada no ano – janeiro de 2018 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.